

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

VICENTE DE CARVALHO

ARDENTIAS

VERSOS.

1885

Typographia a vapor do Diario de Santos.

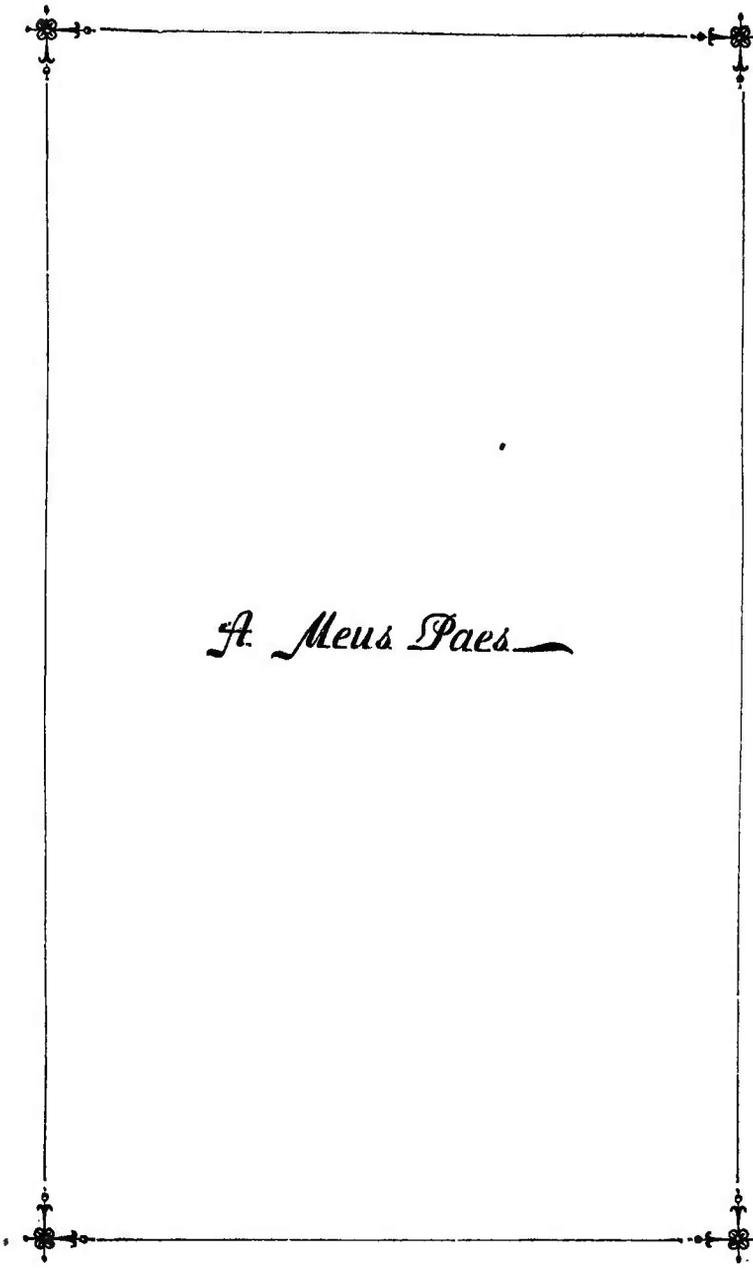
VICENTE DE CARVALHO

ARDENTIAS

VERSOS

1885

Typographia a vapor do Diario de Santos.



A. Meus Paes

D. FLOR

*C'est une belle enfant inconstante et frivole
Qui ne rêve jamais...*

Th. Gauthier.

A LUIZ SUPLCY

Ella é tão meiga ! Em seu olhar medroso
— Vago como os crepusculos do estio —
Treme a ternura como sobre um rio
Treme a sombra de um bosque silencioso.

Quando, nas alvoradas da alegria,
A sua bôcca humida floresce,
N'aquelle rosto angelico, parece
Que a primavéra derramou-se um dia.

Vendo-a, julga-se ver um anjo... Emtanto,
Sob esse rosto onde resplende o encanto,
Vive escondida uma alma de mulher,

Que a rir-se esfólha os sonhos de que eu vivo
Como atiram-se ao vento fugitivo
As folhas sem valôr de um malmequer...

MADRUGADA PAGAN

A ABELARDO TEIXEIRA DE MELLO

A loura deusa das manhans radiosas
Que inflóra o campo e sonorisa os ninhos,
Surge, espalhando á beira dos caminhos
Giestas em flor e petalas de rosas.

Abre Amalthéa as têtas ; o thesouro
Nellas occulto, solta-se, desfiado
Em frouxas messes estrellando o prado...
— E' como um astro cada espiga d'ouro.

Ergue-se em meio do murthal virente
A voz de Pan, que se escoar parece
Em catadupa tremula e sonóra :

E, como ouvindo a musica dolente,
Venus empallidece, empallidece...
E desmaia entre as purpuras da aurora !

CATÃO

A MEU CUNHADO PEDRO ARANHA

Quando Cezar, o tigré aureolado de louros,
Alastrou de um montão infame de desdouros
Utica, e a mergulhou da escravidão na lama,

Catão, o forte, o heróe das lendas da bravura,
O stoico vencedor da fria desventura,
Corpo feito de bronze, alma feita de chamma,

Sentio varar-lhe a rija intrepidez — a séva
Ponta do desespero — esse punhal de treva,
E, como a um terre.nóto abala-se um granito,

Nas tredas convulsões d'aquella dor tamanha
Que atirava sobre elle um peso de montanha
Sentio-se-lhe abalar o coração invicto...

Elle via cahir-lhe esboroadá ás plantas
A columna de luz das illusões mais santas,
De Utica a liberdade heroica de outras éras...

Via-a cahir nas mãos do despota do mundo,
 Como uma flor que róla a um pélagos sem fundo,
 Como um corpo atirado á fome das panthéras...

E estava condemnado inexhoravelmente
 A ver como um leão indómito e impotente,
 Como outro Prometheu preso a um rochedo novo,

Barbaras multidões de vencedores torvos
 Darem pasto ao furor famélico dos corvos,
 Na podridão mortal da escravidão de um povo...

supp.  É ao peso dos grilhões crueis do captiveiro,
 Coberto de vergonha, o misero guerreiro
 Teria de curvar-se ao riso da canalha...

Ilusão e a dor
 Ante essa idéa idéa atroz, fraco por fim, o forte
 Catão pediu abrigo á placidez da morte...
 Desembainhando a espada, a heroína das batalhas,

Anterra no peito a intrepida guerreira
 Cravou-a em si no ardor febre do delirio
 D'aquella dor tão funda — a mágoa derradeira...
 E, ao romper-lhe do seio o ultimô suspiro,
 Cahio-lhe pelo rosto a lagrima primeira !

NA EDADE MÉDIA

E' noute... Branca e pensativa, a lua
Erra do ceu na abóbada estrellada,
E pelos ares tépidos fluctua
O mormurio da noute socegada.

Dorme o castello antigo... somnolenta
Ruina coberta de festões e de héra,
Onde a flor entre musgos arrebenta
Como um riso jovial da primavéra.

Sobre a varanda, a castellan medita ;
A aza ligeira a phantasia agita,
Sonha a moça ; e em su'alma a idolatrada,

Sombra do amante pallida fluctua...
E' noute... E branca, e pensativa, a lua
Errá do ceu na abodada estrellada...

A' NOUTE

Si eu scismo nas horas calmas
Em que o luar se debruça
Por sobre o abysmo das almas
Onde a tristeza soluça,

Na scisma que me consóla;
No sonho que me bafeja,
Lembras-me tu, ó inveja
Das heroínas de Zóla !

E então — na dormencia vaga
Com que o amor entorpece —
Como o vinho que embriaga,
Como o ópio que embrutece,

Minha razão cambaleia
Sobre a loucura pairando
— Como um bebado luctando
Para não ir á cadeia !

·VIEILLE CHANSON·

(VICTOR HUGO)

Eu não pensava em Rosa... Ambos uma vez fomos
Passar pela floresta os corações jovias ;
Fallavamos do sol, dos passaros, dos pòmos,
E não sei do que mais.

Indifferente e frio, acompanhava-a apenas,
Distraído a fallar com distraída voz
Do clarão da manhan, do alvor das assucenas ..
E seu olhar azul dizia-me : *E depois ?*

O orvalho scintillante a nossos pés tremia,
Cobriam-nos de sombra as arvores quietas ;
Rosa — as ternas canções dos rouxinões ouvia,
Eu — dos me'ros jovias ouvia as cançonetas.

Tinha vinte annos ella e deseseis eu tinha ;
Eu era frio ; nella, os olhos scintillavam...
Os ternos roux nões saudavam-n'a — rainha,
E os melros me assóviavam.

Nas pontinhas dos pés o lindo corpo erguido,
Rosa o braço estendeu para uma fructa... **Prêsa**
A manga, descobrio-se o braço ; e distrahido
Eu nem lhe vi do braço a esculptural belleza.

Uma fonte corria a nossos pés, na alfombra,
Beijando mansamente as rêvas orvalhadas ;
E, em torno, a natureza adormecêra á sombra
Das arvores em flor tranquillias e caladas.

Rosa, graciosamente arrancando o sapato,
Com um ar de creança, um gesto delicioso,
O rosado pesinho mergulho no regato...
E eu nem lhe reparei naquelle pé mimoso.

Já nem sabia mais o assumpto em que fallar-lhe ;
Caminhava após ella, acanhado, indeciso,
Vendo-a ás vezes sorrir e ás vezes borbulhar-lhe
Um suspiro a travez das rosas de um sorriso.

Ai ! E só vi quanto ella era formosa, quanto !
Ao sairmos do bosque... Ah! disse-me Rosa ;
Não pensemos mais nisto... Esquecc-te... No emtanto,
No emtanto desde então não penso n'outra couça !

GÉLIDA

*La dame dont'ici j'ai dessein de parler
E'tait de ses beautés qu'on ne peut égaler.*

Musset. *D. Paez.*

Lembram-me sempre ás regiões polares
— Frias e brancas solidões immensas —
Quando meus olhos pouso em teus olhares...
Quando ~~te~~ o que sentes e o que pensas
Lembram-me sempre as regiões polares.

Lá, sob o escuro ceu que a bruma veste
De vaga sombra e de immortal tristeza,
Se desenróla alcantilado e agreste
O seio nú da triste natureza,
Lá, sob o escuro ceu que a brumã veste.

Os esqueletos brancos das montanhas
Sob o veu transparente das neblinas,
Vão desenhando as formas mais estranhas...
Teem a tristeza enorme das ruinas
Os esqueletos brancos das montanhas...

Quebra a funerea solidão que dorme
Em torno, apenas e de quando em quando,
O phantasma de um urso negro e informe,
Os vagarosos passos arrastando
Na funeraria solidão que dorme ..

Assim pareces tu, pallida e fria !
Formosa filha de Albion nevoenta !
Rosto onde não resplende uma alegria ;
Alma onde uma ternura não rebenta,
Assim pareces tu, pallida e fria !

Nunca um raio de amor illuminou-te
O árido seio, o coração de pedra...
Nenhuma estrella te esclarece a noute,
Nenhuma rosa no teu seio medra...
Nunca um raio de amor illuminou-te !

E a tua vida é como esse deserto
— Vasto, sombrio, lugubre, gelado — ;
Olha-se e vê-se, longe como perto,
Um grande plaino branco e despovoado..,
E a tua vida é como esse deserto !

Mas, como os ursos das regiões polares,
Vê-se quebrar essa monotonia
— Passando ás vezes pelos teus olhares —
As sombras de uma cólera bravia,
Como esses ursos das regiões polares ..

SOBRE UMA CRIANÇA MORTA

*No seio do torrão humido, o sudario do
cadaver tinha apodrecido com elle...*

Eurico.

A MINHA IRMÃ

Entregaram-te enfim á paz do cemiterio,
Deixaram-te na cóva o corpo delicado,
E a funda escuridão enorme do Mystério
Para sempre engolio-te, ó lyrio desfolhado †

Agóra, na humidade aspérrima do sólo,
Terás para abrigar-te o derradeiro somno
— Em vez do olhar materno e do materno collo —
A tristeza glacial de um lugubre abandono.

E lá — ir-te-hão roçar a alvissima epidaeme,
E, roendo-te a carne, apodrecer-te os ossos,
O contacto nojento e túrbido do verme,
E as negras podridões dos charcos e dos póços.

E enquanto adormecida á sombra desolada
 Dos cyprestes, tua carne a sudrentar-se, as feras
 Hão de sorver a luz ao calix da alvorada,
 E hão aspirar o aroma ás frescas primavéras.

2 1

E enquanto na funérea escuridão dormires.
 A terra ha de sorrir nas expansões da flóra,
 Hão de enfaixar o céu as côres do arco-iris.
 E o sol ha de fulgir nas purpuras da aurora.

E tu... não has de mais colher pelos caminhos
 A rubra flor aberta á madrugada; e á ave
 Não mais imitarão a música dos ninhos
 As doces vibrações de tua voz suave !

Amanhan tu serás o lodo de um monturo,
 Uma caveira a rir um riso de idióta ;
 E surgirás no limo, e has de ser verme impuro,
 E virás na herva ruim que á sepultura brota...

Embóra ! Terás sempre a alvura do alabastro
 A' vista espiritual de uma illusão materna...
 Ao olhar de tua mãe tu serás sempre um astro
 Esculpido no azul de uma saudade eterna !

MAIO

Oh faciles amours de nos jeunes années !

Pailleron

Lembra-me.... Abria as petalas rosadas
Maio, o rosado mez das flôres, quando
Eu encontrei-te alegre pipilando
A virginea canção das alvoradas.

Depois, quando fugiam assustadas,
Do inverno rigoroso ao sopro infando,
As aves, como as aves foste voando
Abertas da alma as azas orvalhadas.

Agora, volta alegremente Maio :
Abrem-se as flôres humidas, no esmaio
Da embriaguez phantastica da luz....

E não mais no meu peito desolado
Abre de teu amor o illuminado
Maio—meus sonhos limpidos, azués !....

VISÃO NEGRA

Cette pensée me vient comme un frisson.....

Heine

Eu penso muita vez em ti que já morreste,
Deliciosa mulher que tanto amei um dia
E que dormes agora embaixo do cypreste,
Na funerea mudez da sepultura fria.

Em ti, por quem out'ora ardente eu desfolhava
A grinalda de luz dos vividos desejos,
E em derredor de quem famélico esvoaçava
—Palpitante e febril—o exame de meus beijos.

E julgo ver então—negra chiméra informe!—
Erguer-se do sepulchro em que teu corpo dorme
Uma ossada asquerosa, e vir offerecer-me

A meus beijos, um rosto esburacado, infecto,
Onde cevou-se a bôcca esqualida do verme ...
—E a um cadaver de amor, o amor de um esqueleto

— NA INDIA

*Les nuits de l'Inde sont pleines d'un
charme inexprimable ; aux premières
brises qui viennent rafraichir l'atmosphère,
la vie semble renaître partout....*

Jaccoliot—*Voyagé aux ruines de Golconde.*

D'entre os montes, ao longe, ergue-se a lua. E' a hora
Em que a pomba adormece entre as plumas do ninho...
Enche o bosque, em redor, de vago borborinho
—Dos passaros da noute a multidão sonora.

Das arvores em flôr, tremulamente, a côma
Oscilla ; a canelleira, o alôes, o tamarindo,
—Na frescura da noute a florescencia abrindo—
Vão entornando no ar a volupia do arôma.

Quando anoutece, a flôr, no bosque verdejante,
Abre o calice; e na alma entreabe-se, risonho,
E perfumoso, o amor..... E então, tímida, ahí

Solta a virgem o vôo á phantasia errante,
Sonha o primeiro amor, e no extasis do sonho,
Sente adejar-lhe na alma a historia de Avany.....

FOLHA SOLTA

*Y es porque la suerte impia
Puso entre tu alma y la mia
El yerto mar de los años.....*

Campoamor.

Souvent femme varie.....

Francisco I.

Eis o ninho abandonado
Dos sonhos de nosso amor....
E' o mesmo o chão onde oscilla
A mesma sombra tranquilla
Dos arvoredos em flôr.

E' o mesmo o banco de pedra
 Onde assentados nós dous
 Fallámos de amor um dia....
 Lembras-te? Então que alegria!
 E que tristeza depois!

Fallamos de amor..... E sobre
 Minh'alma, arqueava-se o azul
 De teu olhar transparente
 Como o céu alvorecente
 Das nossas manhans do sul.

Que sonhos—lyrios abertos
 Em nossas almas—então!
 Que formosas esperanças
 Como soltas pombas mansas
 Pelo céu do coração!

.....

Quando eu partia, choraste,
 E eu tambem chorei talvez....
 Cada lagryma cahida
 Era uma folha da vida
 Que eu desfolhava a teus pés.

Então amavamos tanto!
 Tanto e-quecemos após!
 E de minh'alma, aereo e doce,
 Foi-se afastando.... e callou-se
 O último som de tua voz.

Passaram se os annos—sombras
Que iam crescendo em redor
Daquelle sól affundado
Nos abysmos do passado
—A estrella de nosso amor.

E hoje volto.... Tudo é o mesmo
Que quando amámos, aqui....
Sombra, passaros, fragancia,
Tudo me falla da infancia,
Tudo me falla de ti !

E o meu amor desbotado
—Lyria que a ausencia' murchou—
Sentindo um pouco de aurora,
Abre as frescuras de outr'ora,
Revive o alvor que passou.

Abril desenrôla em torno
Seu esplendor festival,
Tudo é jubilo... No emtanto
Não mesclas teu doce encanto
A este encanto matinal.

Não voltas pomba emmigrante,
Ao ninho de onde se ergueu
Teu vôo, abrindo caminho
Em busca de um outro ninho
Sob o azul de um outro céu....

Encontro o ninho deserto,
Volto, o seio imerso em dor,
Em pranto os olhos imersos....

.
.

E aqui deixo nestes versos
O ultimo sonho de amor !



SPLEEN

Je hais le monde entier, je m'abhorre moi même !

Voltaire — Zaire.

A VICTORINO MONTEIRO

Na funda solidão das noutes invernosas
Quando soluça o vento uns funebres gemidos,
É a fria chuva bate aos vidros sacudidos,
Com a cadencia feral das musicas chorosas ;

Emquanto ao longe estoura a trovoadá rouca
Pelos antros sem fim do espaço illimitado,
Fazendo estremecer o mundo estatelado
A' medonha expansão daquelle furia louca ;

Mergulhado no horror que invade a natureza.
Sinto abrir-se-me n'álma o abysmo da tristeza
Em cujo fundo negro habita a flor do mal...

No *spleen* que me assoberba e o espirito me tóma,
Eu tenho o sanguinario instincto do chacal...
— E comprehendo Néro incendiando Roma !...

ADORMECIDA

Era um quadro celeste.

Castro Algos.

▲ E. FERREIRA

Ella estava dormindo... E sobre o leito
Se reclinava languorosamente
Aquelle corpo esculptural, perfeito...

Era como uma pomba que, dormente,
Confundisse a brancura da plumagem
Com a brancura do ninho alvinitente.

Dormia... E sob a rendas da roupagem
Sentia-se-lhe o seio que ondulava
Como a lagôa no tremer da aragem.

Loura, a madeixa se desenrolava
Dos lençóes pelo alvor immaculado
N'um perfumoso mar que os alagava.

Era tão be'la assim ! O olhar cerrado
Na volupia de um sonho que se abria
Na alma, como os lyrios pelo prado !...

Como no ceu, quando desponta o dia,
A aurora raia, de um sorriso a aurora
Pelo seu meigo rosto se expandia

E ella dormia descuidada... E fóra
Gem'a o mar a musica dolente
Como uma alma perdida que erra e chóra.

E o luar amoroso, mudo, a'gente,
Como um bandido, pela fresta veio
Entrando quieto, sorrateiramente...

Ia beijal-a em vo'uptuoso anseio,
Mas, ao vê-la dormindo entre as serenás
Ondas d'aquelle somno sem receio,

Hesitou em beijar-lhe as mãos pequenas,
E humildemente, e como ajoelhando,
Beijou-lhe a fimbria do vestido apenas...

E ella dormia... E em derredor pairando,
Havia uns tons de limpida candura
Como seu somno placido velando...

Era a innocencia de sua alma pura
Que, respirando aromas virgínaes,
Envolvia-lhe a angelica figura
Na sombra de umas azas ideaes !...

LIGHT, MEHR LIGHT

A ALBERTO TORRES

I

Por muito tempo o olhar triste do Nazareno
— Volcão que se entreabria em explosões de amor —
Derramou pelo mundo o seu clarão sereno,
E as almas envolveu de mystico fulgor.

E aquelle sangue bom, o sangue generoso
Que elle verteu por nós no drama do Calvario
Fez reviver do Bem o lyrio luminoso
— Cadaver arrancado ás dobras de um sudario !

Na podre confusão devassa dos Imperios
 Surgio seu meigo vulto, austero, angelical,
 Como um remorso atroz nas almas dos Tiberios;
 — Ferro e.a braza queimando as visceras do mal.

Cruc'aram-no debalde em hórrido supplicio !
 O despotas cruéis, os tigres da Judéa :
 Christo morreu ; mas sobre os lamações do vicio
 Ficára semeado o germen de uma idéa.

As palavras do amor do martyr do Calvario
 Inspiraram aquella intrepidez homérica
 Com que affrontava a sós um velho missionario
 As vastas solidões inhóspitas da America.

II

Mas tudo passa, ó Christo ! E tudo se transforma !
 Da luz crepuscular nasce a manhan radiante,
 De atómos faz-se o sol, da chuva o mar se fórma,
 Desabrocha o botão na rosa deslumbrante.

Assim tambem passaste, ó astro bemfazejo !
 Tu, doce incarnação de uma idéa gloriosa !
 E o occaso que sumio-te o ultimo lampejo
 Foi de um sol mais fecundo a aurora mais radiosa.

Tu pregavas o Amor, a Paz, a Charidade,
E, como um turbilhão que indomito se móve,
Afogou tua voz a voz da Liberdade,
Sumio-te a rubra luz do grande *Oitenta e Nove* !

Tu empallideceste assim como da lua
O alvissimo clarão que a noute illu ninara
Empallidece quando esplendida fluctua
No ar — a viva luz da madrugada clara.

Abriste no passado o caminho da aurora
Por onde a humanidade em passos triumphaes
Caminhou Tu paraste : e para ver-te agora
E' preciso voltar os olhos para traz !

LAURA

(BALAGUER)

Habita na minh'alma a tua imagem,
Vivo de haurir-te o odor que me seduz,
Vejo-te a toda hora e em toda a parte.
Vejo-te quer na sombra, quer na luz.

Vejo-te em tudo que meus olhos fitam,
No mar, no céu, na flor embalsamada,
Na sombra, quando a noite me rodeia,
Na luz, quando me cerca a madrugada.

Quando anoutece, e as doudas andorinhas
Voltam p'ra o ninho — o lar inviol do —
Vejo-te na penumbra do crepusculo
— Visão suave de um sonhar dourado.

As virações que junto a mim perpassam,
Bebem teu nome no meu labio, amor !
Teu nome, as virações que aqui revoam,
De tanto ouvi-lo, sabem-n'o de cór !

Sinto tua vida e aspiro teus perfumes,
Dás perfumes e vida aos meus cantares ;
Teus labios dão-me o nectar de teus beijos,
Teus olhos dão-me o ceu de teus olhares !

BALLADA

*Fair is she to behold that maiden
of a century summers.*

Evangelina.

Tua presença alegre como a luz da manhã...

Iracóma.

Quando tu passas por mim
— Estrella dos meus anhellos —
Arrastam me teus cabellos
Por outros mundos sem fim ;

E, vendo-te, ó meu supplicio !
Tenho a vertigem immensa
De uma creança suspensa
Na bórda de um precipicio !

Deslumbram-me esses olhares,
Em que tu'alma scintilla
Como na face dos mares
Do sol a imagem tranquilla.

Como um somnambulo errante
Que vae pela noute fóra
Vendo ao luar hesitante
Resplandecencias de aurora,

Em teu olhar — noute escura
Que me envolve e me seduz —
Leio um poema de ternura
Escrepto em letras de luz.

Si fallas, vibra tua voz
Nest'alma que o amor votou-te,
Como a voz dos rouxinões
Vibra no seio da noute.

Cada nota de tua falla
E' um astro que se perdeu :
Minh'alma vae procural-a
Pelos abysmos do ceu !

Porque tua voz é doce
 Como os últimos harpejos
 De um canto que evaporou-se,
 De uma música de beijos.

Porque essa falla que nasce
 De tua bocca mimosa
 E' como si suspirasse
 O perfume de uma rosa.

E ouvindo-te, pouco a pouco,
 Sonho beijos, em del rio,
 Destes meus labios de louco
 Nessas tuas faces de lyrio...

Perpassam-me pelo seio
 Umhas venturas douradas
 Como sombras desenhadas
 No luar de um devaneio...

Depois, quando vaes-te, pomba,
 Minh'alma triste esmorece
 Como a flor que desfallece
 Quando o sol no occaso tomba.

faez-te
 Somente, como se apaga
 O sol envolto no brum',
 Ou como o flóco de espuma
 Que nasce e morre com as vagas..

E' eu — extatico e tristonho —
Embebo o olhar no teu rastro...
O' tu, que vens como um astro !
O' tu que vaes como um sonho !

NO SAHARA

*Tout se tait, tout sommeille au loin...
Et les feux du bivouac rugissent l'horizon.*

Ed. Quinet.

A lua, d'entre o azul do ceu tranquillo assôma
— Virgem nudez envôta em transpa'entes gazes —
Dorme o deserto ; a tropa adormeceu no oásis,
Das palmeiras em flor sob a orvalhada côma.

Profunda e sol'taria, infinda e pavorosa,
Desenrôla-se ao luar a planície de areia,
E sobre o alvor do chão, phantastica, passeia
De uma nuvem perdida a sombra magestosa.

Reina fundo silencio em todo o acampamento,
Emquanto a sentinella attenta, descançando
Na carabina escura a bronzeada mão,

Perscruta com olhar pesado e somnolento
O deserto sem fi n, onde de quando em quando
Rugem sinistramente os uivos de um leão..

CANTO DOS CORSARIOS

FRAGMENTO DE BYRON

« O' solidões vastissimas do oceano !
Ermos por onde o pensamento indómito,
As livres azas de aguia distendendo,
Vôa tão livre como a brisa errante !
O' vasto mar perdido no horisonte !
Movel planicie intérmina, onde as vagas
Ao alvo lençol espumeo desenrolam !

É's o paiz phantastico onde se abre,
 Ao rude arfar dos ventos forasteiros,
 O nosso javilhão—sceptro glorioso
 A que se curva a multidão cobarde !
 O' mar ! Deserto palpitante e enorme !
 Patria de nossas almas erradias !

Sobre teu dorso encapellado escôa-se
 Nossa vida selvagem, entre o esforço,
 O ardor da guerra, a febre dos combates,
 E os descuidos da paz. ...

Não, tu não fôras,
 Misero escravo corrompido e lasso
 Que desmaiáras ante o horror das ondas
 Batidas do tufão ! Não, tú não fôras,
 Crapuloso fidalgo que esmoreces
 Ao peso das orgias ! quem pu lesse
 Comprehenler o encanto d'esta vida
 Passaria entre as procellas ullullantes
 Nas brutas contorções do mar bravo !
 Não sereis vós quem possa comprehendel-as,
 As emoções com que sacodem a alma
 Os perigos da luta ! Nós e rremos
 Em busca dos combates ! Procuranlo-os,
 Attravessamos a amplitude das aguas
 —Móvel deserto ondê não ficam pégadas !

A morte, vista frente a frente, em meio
 Das solidões do mar, assusta os fracos,
 Descôra o rosto do cobarde apenas.....

Em nós, porém, o atrevimento acorda
E aviva o ardor glorioso da coragem !
Não tememos a morte, porque a morte
E' uma prolongação do quiéto somno
Que dormimos depois de uma batalha,
Os membros lassos descansando, postos
Sobre os despojos que a victoria deixa.
Lá dormiremos certamente um dia
Sobre os louros da vida... E é bom, e é bello,
Nas moribundas convulsões da morte,
Matar, vencer ainda ! E, como a rocha
Que se despenha do alcantil da serra
Desce arrastando impetuosamente
Os velhos troncos em que esbarra o peso ;
E' bom cair na morte, mas na quéda,
Arrastando a esse abysmo onde se affunda
O corpo inerte do inimigo morto !
E' melhor quando a morte irresistivel
Nos vem ferir o peitô valoroso
Cheio de vida e cheio de coragem
Entre o fumo da lucta, do que quando
Chega-se muda e descarnada e triste
Ao solitario leito de um enfermo....
Emquanto o enfermo, extenuado, mórbido,
Gotta a gotta, distilla o fél da vida
E, suspirô a suspiro, exhala a alma,
A nossa de um arranco o vôo eleva,
E desse arranco impetuoso e livre,
Vinga a amplidão, penetra a eternidade !
Do enfermo as cinzas, cuidadosamente
Hão de ficar n'um tumulto guardadas.
Como lembrança eterna e bemquerida.....
A nós, quando cahimos, alcançados

Por inimiga lamina, ou por uma
Bala perdida no fervôr do prelio,
A nós, as poucas lagrymas sincéras
Desses que virem o oceano abrir-se
Para nos engolir.... E por ardente
E ultima saudação—o vinho rubro
Bebido em nossa honra, após da lucta,
No banquete do adeus.... E, como breve
E simples epitaphio, estas palavras
Dos que ao perigo resistiram : *Bravos,*
Elles morreram como os bravos morrem ! »

AMA !

Yes, love is indeed light from heaven.

Byron

Eu sei que ha na tu'alma o aroma das violetas,
Sei que a fragancia ideal teu coração encerra
Que das mulheres faz as doces Juliéetas
É que torna do céu um coração da terra ;

Eu bem sei que ao luar tu'alma scismadôra
—Aberta ao sonho como a flôr aberta ao sol—
Inunda-se na luz de esplendorosa aurora,
Embala-se na voz de mago rouxinol.

Mas pôrque córas, pois, quando no teu se fita
O meu olhar febril, meigo como um afago,
E tentas esconder essa chamma bemdita
—Sól a se reflectir do teu olhar no lago ?

Oh, não temas o ardor do sól que em ti fulgura !
—Mergulha a alma no mar dos candidos desejos :
O mais bello poema é o poema da ventura
Si o canta o coração na cythara dos beijos !

Ama, que a juventude é primavéra calma !
Coração sem amor é rosa sem aroma....
Anjo ! Si o céu te chama, abre as azas dess'alma :
N'um bafejo de amor ao céu radiante assôma !

Abre ao livro da vida a folha dos amores,
Deixa n'esse oceano errar tu'alma a flux :
Os sorrisos do amor abrem-se como flôres,
As lagrimas do amor são lagrimas de luz !

*Helas ! Et c'est en vain
Qu'en longs transports d'amour, en vifs élans de flamme
J'ai dépensé pour elle et mes jours et mon âme !*

Th. Gauthier.

Entre estas louras illusões que inflóram
A mocidade, entre estas alegrias
Que o coração orvalham-me, que róram
A flórida planura de meus dias,

Tu és a unica sombra desolada,
Mulher que eu amo e cujas mãos perversas
Do meu amor vão atirando ao nada
As desfolhadas pétalas dispersas.

Crenças, no intimo peito as tenho e afago-as ;
Fé no porvir, aspirações, chiméras,
Tudo eu possúo e tudo em mim fulgura.....

Mas bastam d'este amor as fundas magoas,
Para fazer das minhas primavéras
—Céu brumoso, alma triste, vida escura !

(CHARLES READ)

Creio bem que, para eu vir a este mundo, nada
O creador dispendeu ;
Desde a infancia, foi sempre uma cousa estragada
Este coração meu.

E, quem sabe ? talvez que, por economia,
Em meu peito infantil
—Avaro—Deus pozesse, inutil velharia,
Um coração senil.

Um coração que já luctou em mil combates
 E mil feridas tem;
 Sem que eu possa saber de que fundos embates
 As chagas lhe proveém.

Possue recordações longinquas, de outras éras,
 Sente saudade atroz
 De esvahidas paixões, sumidas primavéras,
 Ou apagados sóes.

Lembra amantes de outr'ora—uns anjos seductores
 A quem não conheci;
 E respira, a sonhar, perfumes de uns amores
 Que jámais eu senti.

Hilária-me, assim como uma garra adunca,
 Habita-o, como um verme habita uma espelunca,
 Tantalico soffrer :
 —Eu amo..... Mas o que é isto que eu amo, nunca!
 Ah, nunca heide-o saber!

MEDIEVAL

É a rainha, escutando essa ballada
Tão sonóra, tão languida, tão doce,
N'alma sentio-a, como si ella fosse
Acordar-lhe no seio uma alvorada.

Dizia o terno trovador canoro :
« Amo-te, pomba, e tu ?... » Quando, á janella
Chegando, vio a'moça a altiva e bella
Figura do cantor, um_pagem louro.

Vio-a tambem o joven ; e a indiscreta
Canção interrompendo, pressuroso
E confuso callou-se... E ella, enleada,

Os olhos embebeu no olhar do poeta,
E acabou com um olhar delicioso
A interrompida languida ballada...

.

SOBRE UM TUMULO

I

E eu amei tanto !

Gonçalves Dias.

Desceste novamente á entranha laboriosa
Que géra a luz do sol e os charcos, e as boninas,
De onde nos veem a noute e as alvas chrySTALLINAS,
E que fórma de poeira as petalas da rosa.

E eu não hei de saber onde andarão dispersos
Os restos desse corpo artistico e gracioso
Em torno ao qual fremia o enxame rumoroso
Dos meus sonhos de amor n'um turbilhão de versos.

Dormes na sepultura o derradeiro somno
Envolvida na paz friorenta do abandono...
E sobre a ruina vil das formas tão celestes,

Que inspiraram-me outr'ora aquelle amor ardente,
Vae pastar silenciosa e devorantemente
A fome vegetal dos lugubres cyprestes.

I I

*Et je courbe, oh mon Dieu, mon âme vers la tombe
Comme un bœuf ayant soif penche son front sur l'eau*

Victor Hugo — *Booz endormi.*

Morreste... Sepultou-te, oriental jacynto !
Essa neve que alastra as campas tenebrosas,
E o sangue te sorveu ás faces côr das rosas
A phtysica feroz como um chacal faminto.

E eu muita voz engolpo o meu olhar incerto
Na funda escuridão que envolve a tua imagem,
Para vel-a fulgir — esplendida miragem
Nas mudas solidões enormes de um deserto.

Eu bem sei, eu bem sei que no florir dos annos
O coração esvoaça em fulgidos enganos
E nos risos da aurora as petalas embebe...

E em mim que sou tão moço o desalento néva !
Meu coração — beduino extenuado — bebe
A vida, que é uma luz, na morte que é uma treva !

III

*Ha contudo prazer em nos lembrarmos
Da pãssada ventura,
Com o que planta flores vicejantes
Em triste sepultura.*

G. Dias.

E que posso eu pedir á vida, que me pésa
Como um grilhão chumbado á minha mocidade ?
Si a vida só possue o tédio da tristeza,
E só me proporciona as ancias da saudade !

Debalde tento ouvir minha razão, a calma,
E beber n'outro amor outra existencia nova !
Como o lotus florio uma só vez minh'alma.,
A rosea primavêra em mim não se renova.

Outros bebem o amor no calix perfumoso
De uns labios de mulher, e vão pedir o gôso
Das orgias febris ao fervido calor...

E eu, que a um cadaver peço a febre do delirio,
De tua imagem faço o calicé de um lyrio
— Para nelle beber a embriaguez do amor !

VERSOS A ALGUEM

Et pourtant, que le parfum d'un pur amour est suave !

G. Sand.

Moi, je rentre en ma nuit ! Toi, sois heureuse, oublie !

Hernani.

Ah ! não penses em mim ! Porque turvar-te a calma
Um pensamento máo como um remorso frio ?
Porque tiszar o azul sereno de tu'alma
A lembrança cruel de um tempo que fugio ?

Não chores ! Para ti abrem-se agóra as flores
Da rosea mocidade ; a primavera ri-se.....
Passaro ! Que a manhan te inunde de fulgores !
Rosa ! Que á luz do sol tua corólla vice !

Olha para o porvir : vês um caminho aberto
—De flores alastrado e florecido de astros !
Deixa o passado ! Esquece os plainos do deserto
Onde se perde agóra a sombra dos meus rastros !

Este amor escancára as fauces de voragem
Para tragar-te, flor ! para engolir-nos, pomba !
Seguil-o, é desvairar após de uma miragem...,
E em derredor de nós a desventura zomba.

Arranca de tu'alma o mafadado broto !
Deixa-me ! Seja eu só captivo destes laços !
Morrer de ciume ao ver-tê a rir nos braços de outro
E' menos que te ver, chorando, nos meus braços !

GRAZIELLA

A EDUARDO CHAVES

Oh, si tu estivesses aqui, viveria !

Graziella.

I

Quando surgio o sól esplendido de Maio,
Languida, a flor abrio as petalas azues,
E, no calix sentindo a embriaguez da luz,
Deixou-se mergulhar nas ondas de um desmaio.

Roçavam-lhe na face os tepidos bafejos
Do zephiro, assim como afagos de D. Juan,
E sobre ella se esfiava o rócio da manhan
Como um roto collar phantastico de beijos.

Borbulhava-lhe aos pés a múrmura cascata,
 E, mirando-se n'ella, escutava-a callada
 A flor, como a longinqua e tremula toada,
 Como os plangentes sons de branda serenata.

Quando uma onda encrespava a face da corrente
 Como a doce expansão de um tímido desejo,
 Ella sentia o ardor suavissimo de um beijo
 De volupia a inundar deliciosamente....

. . .

Mas quando em fim chegou o inverno procelloso
 E, como o bando azul dos passaros, fugindo
 A primavera foi, após de um céu mais lindo
 Onde podesse abrir o manto esplendoroso,

Debalde a pobre flor abandonada olhava
 A triste solidão interminada do espaço,
 Onde, esculpido sobre um firmamento baço,
 O desmaiado sól nostalgico vagava.

E ella, quando sentio n'uma explosão de maguas,
 Que abandonava-a o sól, o fugitivo amante,
 Atirou-se ao golphão do péiágo espumante,
 E deixou-se levar no turbilhão das aguas....

II ,

Assim tambem tu foste, ó pallida Graziella !
 Tu, doce incarnação de uma chiméra loura,
 Que ao poeta allumiaste a alma sonhadora
 Co'um límpido clarão dulcissimo de estrella !

Abrio-te a primavéra, á sombra protectora
 Do luminoso céu purissimo da Italia,
 Lá, onde a viração melodiosa espalha
 O echo das canções de Tasso a Eleonora!

Trinava-te ao ouvido uma harmonia inquieta
 Como, ao alvorecer, a musica dos ninhos :
 E' que cantavam como a voz dos passarinhos
 Os versos do poeta.

E viveste.... E amaste.... E abrio-se no teu collo
 —De risos inflorada—a arvore do amor,
 Como d'entre os bouquets que ahi juncam o sólo
 Perfumada rebenta a laranjeira em flor!

Quantos ydillios bons, quanta ventura calma!
 E quanto beijo a furto, e quanto olhar a medo!
 Nos olhos quanto amor e quanto amor na alma!
 E sempre a ondear no labio um timido segredo!

E viveste... E amaste.... E um anjo bom vellava
 —Abertas sobre ti as azas protectoras—
 E no céu de tua vida o amor desenrolava
 A ventura—enfaixada em um bouquet de auroras!

.

Quando o amante fugio, que as sombras do horizonte
Envolveram-n'o, então, sem essa luz amada,
Tu sentiste pender a desolada fronte
Do inverno do sepulchro á rigida lufada.

Então, para o passado os olhos alongando,
Viste-lhe ainda na sombra a imagem silenciosa ;
E a vida desfolhando assim como uma rosa,
Como uma rosa foste ao pélago rolando.....

He jests that sears that never felt a wound.

Romeu.

I

Julgas-me ingrato ! Sei-o
—Não porque m'ó dissesses—
Mas porque ao fundo d'esses
Olhos profundos leio.

Julgas-me ingrato ! E emtanto
Deus sabe quanto soffre
Meu coração—o cofre
Onde eu escondo o pranto !

Deixo-te só ? Mas olha
Que te arrastára, folha !
A minha sorte escura....

Sejas feliz ao menos !
Não sôrvas os venenos
Da minha desventura !

II

De que servira acaso
O nosso amor—aurora
Triste como um occaso ?

Vês que minh'alma chóra
Por te deixar sosinha,
Doce illusão de outr'ora !...

Mas tu, como a andorinha
Que, quando chega o inverno,
Se exila e foge asinha,

Vae, anjo doce e terno !
Não queiras affundar-te
Nas fauces d'este inferno.

Como a andorinha, parte !
E eu fique—arvore núa
Que a tempestade parte !

Teu coração fluctua
N'um halito de aragem
Que banha a vida tua....

Timida flor selvagem,
Gósa, estremece ainda
Na sombra da folhagem.

Commigo a aurora finda....
O inverno é triste e escuro
E a primavera é linda.

Bem ves que o meu futuro
E' alguma cousa vaga
Que eu sonho e que procuro....

No seio pois esmaga
Todo esse amor de creança ;
Toda essa luz apaga !

Alma sem esperança,
Sou arabe sem tenda,
Oceano sem bonança.

Que vale que te prenda
A' minha sorte ? A' treva
D'esta espinhosa senda ?

Assim, o vôo eleva !
A um céu mais bonançoso
A luz dess'alma leva.

E eu seja—no radioso
Céu de tu'alma doce
O vôo silencioso

De uma ave, que elevou-se
Ao céu, e que, fugindo,
Aos poucos affundou-se
Pelo horisonte infindo....

NA PRAIA

A ARTHUR BASTOS

*E as casas brancas—que feliz paysagem!
Pelo pendor da serra se derramam....*

Raymundo Corrêa.

Desponta o sól triumphantemente..... Fresca,
É rosea, e viva, e transparente, a aurora
Enche-nos a alma de uma embriagadora
Delicia verginal, madrigalesca.

Rósam-se os altos montes, desenhados
Na transparencia vaça da neblina,
É pelos ares se ergue a matutina
Vozeria dos ninhos despertados.

Longe, gaivotas de esplendente alvura,
Sobre as ondinas oscillando á tôa,
Do mar a face tremula florecem.....

E sobre o morro, em meio da verdura,
As casitas alvissimas parecem
Gaivotas a boiar n'uma lagôa.....

NEVER MORE

*Sabes o que faz um amor immenso assim recalado ?
Devóra e consóme o futuro, e entenebrece para sempre os horisontes da vida.* Eurico.

Tu queres reviver aquelle amor de outr'ora.....
Douda ! Nem sabes tu, nem podes comprehendel-o,
Como a noute cahio no céu d'aquella aurora,
Como invadio-me o seio um turbilhão de gelo !

Si olho dentro de mim debalde procurando
Aquelle casto alvor de uma existencia calma,
Vejo-me arbusto secco ao temporal nefando
Que assolou minha vida e desfolhou minh'alma.

Corólla de uma flor de sonho; orvalhada,
A' luz do teu olhar minh'alma se entreabrio,
Emmurcheceu do sól á ausencia desolada....
Hoje acharás em mim um cálice vazio!

Vazio! Ermo de amor, deserto de perfumes!
Sem coragem, sem fé, nas luctas da ventura!
Debalde tu virás offerecer-me os lumes
De teu amor; debalde! A noute é muita escura!

Um dia ergueste o vôo.... O róseo torvelinho
De uma existencia nova e limpida arrastou-te.
Voaste para a luz; e aqui fiquei sósinho
No fundo deste amor onde cahira a noute!

E hoje, cheia de amor, cheia de crenças, voltas
—Mendingando á minh'alma um pouco do passado,
Tentando reunir aquellas folhas soltas
Em que atiraste ao vento um sonho desfolhado!

Não volta ao galho a flor que desprendeou-se da haste,
Não volta a fé com que eu vivi feliz.... Só peço
Que te a'astes de mim! Tu és mulher.... e amaste!
Eu não mendigo amor! Eu amo-te. ... e padeço!

DA CARTEIRA DE UM PHTYSICO

*How oft when men are at the point of death
Have they been merry ?* Romeo.

Eu sinto bem que vou morrer: no cumulo
D'esta desgraça torva, d'estes males
Que me suffocam, eu esgotó o calix
Em cujo fundo encontrarei o tumulo.

Ha de pender a minha fronte pallida
Para a lama do chão; e d'esta vida
Que ves agóra ancian enfebreçada,
Ha de restar uma caveira esqualida.

Talvez então recordes-te d'aquelle
Que teu orgulho estólido repelle
E a quem tu matas como um pobre cão,

E no teu seio gélido de neve
—Como o goivo dos tumulos—se eleva
A triste, a escura flor da compaixão!

SEGREDO

Her eye discourses

Shakspeare.

*Não negues,
Não mintas,
Eu vi!*

Casimiro de Abreu.

E' meu amor um antro desolado
Onde, tantalico e febril, eu vivo
A olhar-te, como olham para um prado
Livre e sylvestre, os olhos de um captivo.

Mas si em teus olhos virginaes mergulha
Minh'alma, encontra nelles uma pura,
Uma doce, uma vivida fagulha
— Relampago cortando a noute escura.

Debalde tentas esconder, ó louca,
O amor ; debalde tentas escondel-o !
Ri-se o gelo entre as rosas de tua bocca,
Mas ardem teus olhares entre o gelo.

A's vezes, com teus risos venenosos,
Feres-me o coração ; mas a caricia
Gotteja-te dos olhos piedosos,
Banha a ferida em ondas de delicia.

E então — ouve, não tentes illudir-me ! —
Vejo tu'alma em flor, tu'alma ardente...
Debalde ris do amor para affligir-me :
Mentem os labios, mas o olhar não mente !

Não, não mente esse olhar que assim me fita
Involuntario, languido... Tu amas !
Nelle o clarão de um grande amor crepita
Como um volcão que se desata em chammas !

Debalde tentas esconder, ó louca,
O amor ; debalde tentas escondel-o !
Ri-se o gelo entre as rosas de tua bocca,
Mas ardem teus olhares entre o gelo !

REMORSO POSTHUMO

(BAUDELAIRE)

Quando fôres enfim jazer abandonada
Sob a lama do chão, bella flor tenebrosa !
E esse corpo gentil de cortezan graciosa
Um sepulchro tiver por lugubre morada ;

Ha de esmagar-te o peito a lousa regelada,
Deixará de bater teu coração ; e, ó rosa !
Prêsos teus alvos pés á terra silenciosa
Não mais irás a rir da vida pela estrada.

E o tumulto, o meu torvo e austero confidente,
Em suas noutes glaciaes de que implacavelmente
E' desterrado o somno, ha de te arguir sombrio :

« De que te serve agora o nunca ter-te doído
A idéa do que soffre um morto, um esquecido ? »
— E o verme te roerá como um remorso frio !

TUMULO DE UMA ALMA

*... Nessun maggior dolore
Que ricordarsi del tempo felice
Nella misera...*

Dante.

Todo se pierde, si, todo se pierde !

Campoamor.

I

Beijo esta flor que deste-me chorando
Na hora da partida.
Ha tanto tempo, ha tanto tempo ! quando
Pelo horizonté azul de minha vida
La raiando o albôr
Daquelle casto e venturoso amor !

Beijo-a, que é tudo que me resta, tudo !
De um sonho que morreu...
Ella é que falla de um passado mudo,
Nella revíve o ceu
De um tempo que não volta.

Esta misera flor emmurhecida
 E' uma pagina solta
 Do desfolhado livro de minh'alma.

Ai, o primeiro amor ! Quem as não teve,
 As alvas illusões da infancia calma,
 Antes que a fria neve
 Dos tristes desenganos
 Pela estrada da vida se alastrasse ?
 Voam os breves annos
 E com os annos — ellas
 Erguem o vôo aligero e fugace
 E tombam de uma em uma no passado
 — Como chuva de estrellas
 Que se afundam n'um antro desolado...

Assim, lembram os passaros ruidosos
 Que a primavéra traz,
 E que, ao fugir a primavéra, vão-se,
 Vão-se, e não voltam mais.

Veem-nos ao coração, ruidosamente,
 Cheias de cantos festivaes, e á sua
 Fuga, deixam em nós toda a tristeza
 De uma floresta desfolhada e núa...

II

Lembram-me ainda essas manhans de outr'ora,
 Cheias de amor, de jubilos suaves,
 Em que teus risos pipilavam, como
 Nos verdes matagaes que Maio inflóra.
 — O murmurio das aves.

Quantos ydillios castos e risonhos,
 E quanta virgindade, e quanto amor !
 Nesse poema suspirado em sonhos
 Na perfumosa sombra
 Das arvores em flor !

Um vago murmúrio,
Canto de dous implumes passarinhos,
Eis o que era esse amor. Dourado fio
De aljofares, quebrou-se...

Sonhos da infancia, amor tranquillo e doce,
O que sois vós na vida,
Mais do que pelo ceu o vôo branco
De uma garça perdida ?

III

Quando voltei depois d'aquella ausencia
Que tanto tempo separou-nos, tanto !
Vim-te encontrar mulher cheia de encanto
A quem os homens davam *Excellencia*.

Hoje, si me encontrares no salão
Entre os delirios férvidos do baile
Teu seio alabastrino
Não ha de arfar em douda commoção...
Ah ! Eu bem sei, bem sei-o :
— Não estremece o marmore divino !

Hoje és deusa e rainha... Após teus passos
Ferve a turba de mil adoradores
E desfolham-te aos pés rimas e flores
Os corações devassos
De cinco ou seis poetas.
Causas inveja a todas as Julietas,
E todos os Romeus
Vão chorar serenatas gemedoras
Por baixo das sacadas
Da casa em que tu mórias.
E — caravana de gentis sandeus —
Vão-te depôr aos pequeninos pés
Os madrigaes e as almas — eloquente
Prova de uma ternura commovente
E de uma extraordinaria estupidez.

Comtudo eu prefiria o humido calix
Onde tremia a gôtta de teu pranto
E a virgindade tua,
A esse cofre d'ebano que encerra
Todo um mundo d'encanto ;
A esse olhar que quando se descerra
Languidamente distrahido, incerto,
Deixa entrever os plainos de um deserto,
Deixa entrever uma planicie nua !

IV

E si tudo morreu, sonhos que eu tive,
E só resta-me a flor que tu me deste,
Desta misera flor minh'alma vive
Como do morto alenta-se o cypreste.

Deante della ajoelho o pensamento,
Tóma-me adoração profunda e calma...
Ah ! Nesta flor eu vejo o monumento
Onde dormem os restos de tua alma !

VISÕES DA FEBRE

D. Juan, quando senti q esmorecer-lhe a vida
E anoutecer-lhe n'alma a sombra da agonia,
Lentamente arrastou-se a um campo onde, florida
E verde, e melodiosa, a primavéra ria.

O ultimo dia, quiz vel-o repleto d'ouro,
Cheio da luz do sol, da fresca da alvorada,
Antes de o atirar ao fundo sorvedouro
Onde elle via abrir se a escuridão do *nada*.

Elle, elle que vivèra a se espojar no vicio,
E em cujo seio nunca uma ternura entrára,
Como na profundeza de um negro precipicio
Do sol não entra a luz vivificante e clara ;

Quiz aspirar, morrendo, o ar puro da manhan,
 Quiz lavar de clarões aquella alma tão gasta,
 Immergindo-a no azul de uma alegria san,
 Na orgia virginal da natureza casta.

Foi... Sob um matagal depoz os membros lassos
 E aspirou o frescor balsamico da aragem,
 Em quanto a solidão profunda dos espaços
 Espreitava-o por entre os claros da folhagem..

No cume da montanha enorme da existencia,
 Prestes a resvalar no tumulto gelado,
 Elle olhou para traz com o olhar da consciencia
 E vio desenrolar-se a téla do passado.

Como, sobre o montão de sua lépra infame,
 Attrahidos do pús, mil insectos famintos
 Tinham vindo saciar em rumoroso enxame
 Da fome de immundicie os lúbricos instinctos,

Elle, o abatido heróe, sentindo que o mordiam,
 Tentava afugentar as hostes implacaveis,
 Parecendo-lhe ver espectros que se erguiam
 Deante de seu olhar, negros, inexoraveis.

Mulheres que elle amou na febre dos desejos
 E de quem desfolhára os corações e as vidas
 Surgiam, lhe mostrando o stygma de seus beijos
 Com a eloquente múdez das lagrymas doridas...

Baixou em fim do azul um beija-flor inquieto,
E D. Juan julgou ver n'aquelle beija-flor
O phantasma de Haydeá, o lyrio predilecto,
A imagem virginal de seu primeiro amor.

O beija-flor em vez de o torturar, suave
Sacudio-lhe em redor a frescura do vôo...
E D. Juan julgou lèr no olhar triste da ave :
« O' meu unico amor ! Amava-te... Perdôo !... »

GILLIAT

A ANTONIO P. DE QUEIROZ

*Os homens acharão um fogo mais poderoso
do que o raio; os deuses morrerão.*

Eschylo—Prometheus.

I

Deante delle se abria um vácuo immenso e fundo.....

Que importa ? Elle sentia arder-lhe heroicamente
Do vasto coração no pélago profundo,
A scintella do amor—fagulha incandescente
Que traz sempre no seio os embryões de um mundo !

Elle amava ! E amar com aquelle amor ardente,
 Amar como elle amava,
 E' possuir a força indómita da lava,
 Aquella força extranha
 Que tem a rigidez dos musculos dos leões,
 Que supplanta montanhas,
 E que rugindo lambe as faces do infinito
 Como a saliva que cuspissem-lhe os volcões !

Elle sabia-o bem, a lucta era terrivel !
 Elle ia se elevar
 Contra a força invencivel
 Das furias collossaes e fectricas do mar....
 Elle ia-lhe dizer : « Negro leão sanhudo
 « Em cujo aspero dorso
 « Vãmente se debate o formidando esforço
 « De todas as procellas !
 « Arroja contra mim tuas coleras hediondas,
 « Eu heide desfazel-as !
 « Levanta-te, me absorve em teus fundos abysmos,
 « Derruba-me na frente o horror dos cataclysmos
 « Que sacódes nas ondas !
 « Debalde; eu vencerei ! Irão bater-me aos joelhos
 « As vagas turbulentas !

« E eu luctarei a ver jorrar-me sobre o flanco,
 « Arquejante, cançado,
 —« Num pavoroso arranco—
 « O epileptico ardor furioso das tormentas !

« E ao pezo de meu braço
 « Has de cahir vencido,
 « Arrancando por fim do bronzeo peito lasso
 « A tremula expansão cobarde de um gemido ! »

*

Porque elle vira, além do abysmo pavoroso,
 Da meiga Deruchette o vulto irresistivel
 Loirejar, como um pômo agreste e delicioso
 No ápice da montanha enorme do Impossivel !

Rugia-lhe no peito o volcão do heroismo,
 E assim, n'uma explosão de lavas delirantes,
 Gilliat se arremeçou á escuridão do abysmo
 —Pygmeu a combater um mundo de gigantes !

*

E elle venceu ! Arcou com o peso do infinito !
 E do bravo oceano á tôrva entranha escura
 Foi arrancar o preço, o thesouro bemdito
 Com que comprasse ao amor os sonhos da ventura !....

.

II

E assim como Gilliat, o luctador glorioso,
 O Homem, esse pygmeu, pobre átomo vil,
 Eleva contra um mar soturno, tenebroso,
 A rija intrepidez do cerebro viril.

Porque elle avista, além desse escarceu profundo,
 Como um radiante sól esplendido, a fulgir
 Da Verdade o clarão rutilante e fecundo
 —Deruchette a allumiar seus sonhos de porvir.

Porque seu peito é como a entranha de um Vesuvio
 Que arroja, como lava, auroras para o céu !
 Cada dia a victoria alastra-se em diluvio....
 São fulgidos laureis—Giordano e Galileu !

Mar! Hade te vencer de Gilliat o esforço!
Noute! O sól da sciencia hade rasgar-te os veus!
E o Homem, esse pygmeu, hade curvar-te o dorso,
Tu, gigante feroz, mar, que te chamas—Deus!

SUB UMBRA

*Aufond de mon âme je sens encore palpiter
et brûler la flamme joyeuse de la vie,....*

Heine—*Atta Troll.*

Hontem quiz escutar o seio da floresta,
Sentir o coração da primavera arfar
Em cada insecto, em cada arbusto, em cada restea
Da purpura solar.

Voluptuosamente enlaçavam-se, rindo,
Pelos troncos senis—trepadeiras em flor,
Dos troncos á velhice exhausta disparzindo
Uns balsamos de amor.

E os troncos, ao calor d'aquella mocidade,
Da seiva que no tempo inválida se perde,
Riam-se, aqui e alli, na muda alacridade
De uma folha mais verde.

Fallavam-se de amor os passaros inquietos,
E agitava-se em torno, em sussurante adejo,
Nem eu sei si o rumor das azas dos insectos,
—Ou si o rumor de um beijo....

« Amor ! Amor ! » Dizia a primavéra douda,
—Douda de embriaguez e douda de paixão—:
O vento desflorava os laranjaes em rodá.....
E me lembrou então

Nosso noivado, amor ! Lembrou-me a doce aurora
Em que, sobre minh'alma ardente, elanguecida,
Abras a primavéra, a primavéra loura,
Tu, sól de minha vida !

E' que a flôr de laranja em torno disparzia
—No aroma que exalava—uma luxuria calma :
Transbordada terra o aroma, e se embebia
Nas pétalas da alma !

INDICE

I	D. Frol	5
II	Madrugada pagan	7
III	Catão	9
IV	Na idade media	11
V	A' Noute	12
VI	Vieille chanson	15
VII	Gélida	17
VIII	Sobre uma creança morta.	19
IX	Maio.	21
X	Visão negra	23
XI	Na India	25
XII	Folha solta	27
XIII	Spleen	31
XIV	Adormecida	33
XV	Licht, mehr licht	36
XVI	Laura	39
XVII	Ballada.	41
XVIII	No Sahara.	45
XIX	Canto dos Corsarios.	47
XX	Entre estas louras illusões que inflo- ram	51
XXI	Ama!	53
XXII	(Charles Read)	55
XXIII	Medieval	57
XXIV	Sobre um tumulo	59
XXV	Versos a alguem	65
XXVI	Graziella	67
XXVII	Julgas-me ingrato, sei-o!	71
XXVIII	Na Praia	75
XXIX	Never more	77
XXX	Da carteira de um phtysico	79
XXXI	Segredo.	81
XXXII	Remorso posthumo.	83
XXXIII	Tumulo de uma alma	85
XXXIV	Visões da febre	89
XXXV	Gilliat	92
XXXVI	Sub umbra	96

ERRATA

PAGS. VERSO

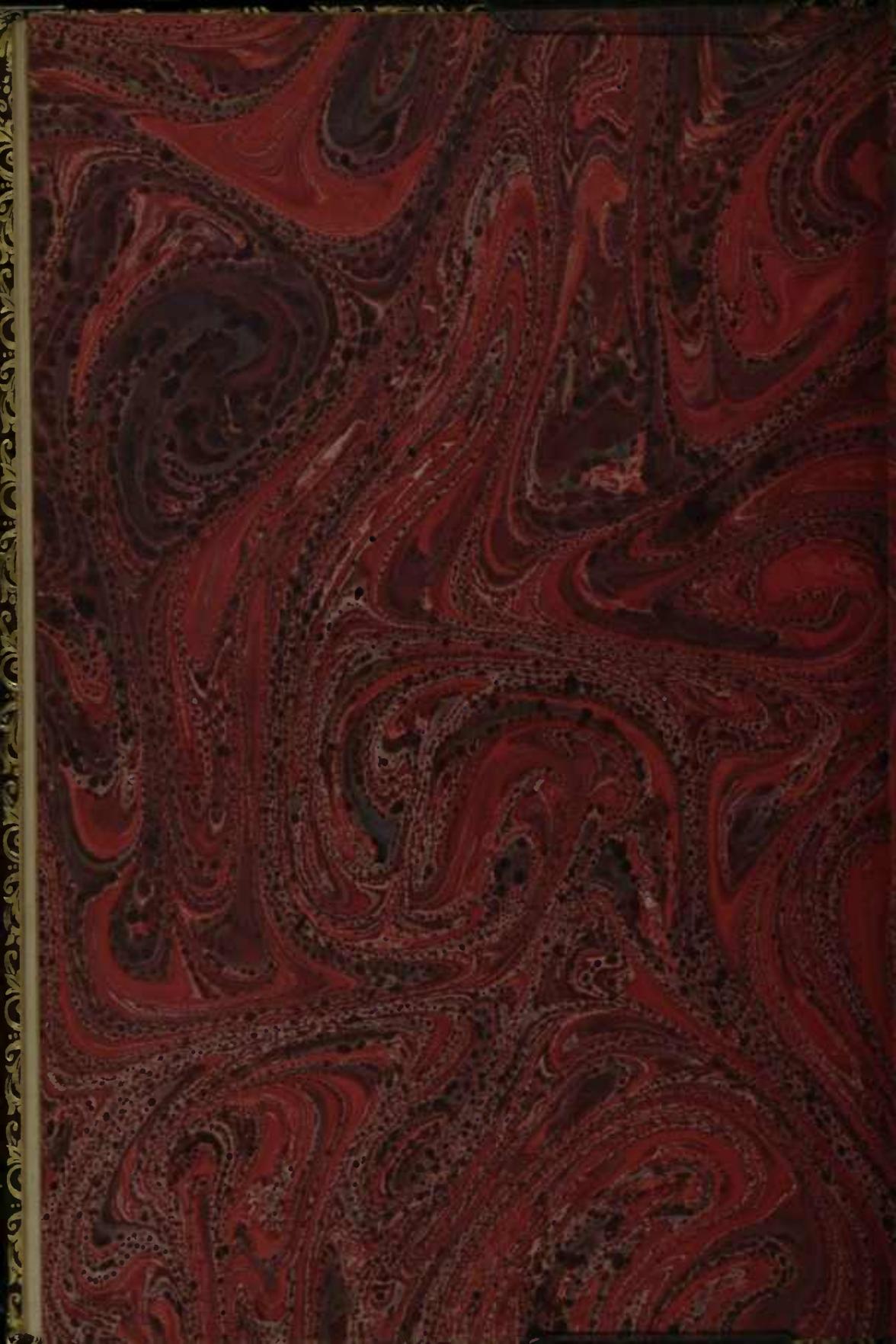
10	13	idéa idéa	idéa
22	8	exame . . .	enxame
41		behold	behold
43	21	Somonte . . .	Sómes-te
43	24	as vagas	a vaga
53		d'amours	d'amour

DO MESMO AUCTOR

A entrar no prélo

MANHANS DE ABRIL

VERSOS





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).